NUMERO 2. ANNO 1848.

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

ESBOÇO DE UMA HISTORIA DA AGRICULTURA.

O HOMEM posto em face da natureza, e excitado pelas suas necessidades immediatas, lança mão dos meios que mais faceis se lhe apresentam para as satisfazer: os fructos selvagens da terra e os animaes féros dos bosques são a sua primeira nutrição, as cavernas das montanhas o seu primitivo abrigo.

Não se encontrou ainda povo, por mais rude que elle fosse, que ignorasse completamente todas as praticas da agricultura; as mais simples destas praticas devem de ser consideradas como coévas com a existencia do homem, porque o proprio instincto da conservação, o mais forte de todos os instinctos, as ensina e recommenda. Os meios naturaes, os productos espontaneos da terra podem bastar aos raros povos de um clima fertil quando pela maior parte deserto, como nessa região onde a Escriptura e a tradição nos dizem que teve origem a humanidade, porém não são sufficientes logo que as populações engrossam, e os homens se accumulam n'um espaço estreito. Então, exhausta a terra já, esgotados os recursos naturaes, a arte desponta logo, as observações, e a reflexão trabalham para descubrir methodos que façam crescer a fertilidade do solo.

Só tarde, muito tarde, é que a historia nos faz menção da economia rural dos povos. Os combates sanguinolentos, os assaltos destruidores, as acções que os homens chamam heroicas e que o filosopho chama crueis, é que desgraçadamente occupam a attenção dos historiadores e formam o thema das antigas tradições; mas as artes uteis, essas ficam no mais completo esquecimento.

Desde o tempo de Moizés até ao principio da era christã, apenas encontramos aqui e alli, espalhadas pela Escriptura, e pelas obras de alguns escriptores, raras indicações sobre o modo porque se tiravam da terra as substancias proprias para a nutrição do homem. E' certo que grande parte dos paizes occupados pelas primeiras raças eram de tão grande fertilidade, que nelles bastava uma ligeira e imperfeita cultura.

Os homens illustres da Grecia e de Roma dedicaram assiduos cuidados á lavoura: esses heroes que ainda hoje fazem o espanto do mundo, e são apontados como exemplos de geração para geração, não se pejavam de pegar na charrua e de dirigir os trabalhos do campo ao descerem do carro de triumpho ainda cubertos com o pó das batalhas.

N'um livro que denominou « Trabalhos e dias » Hesiodo foi o primeiro que se occupou em escrever sobre a lavoura e os productos agricolas da Grecia: este livro é o unico que nos faz conhecer mas imperfeitamente, a economia rural desse nobre povo.

A litteratura romana é mais rica em escriptores de agricultura do que a grega. Catão, Varrão, Virgilio, Collumella, Plinio, e Palladio são nomes que não hão de ser esquecidos, em quanto os homens conservarem as tradições dos antigos tempos. Os tratados « De Re Rustica » de Varrão e Columella apresentam uma tão grande somma de idéas maduramente pensadas, e revelam um espirito de observação tal, que nunca podem ser esquecidos, antes em todos os tempos serão consultados com proveito grande pelo homem dos campos. A amenidade, a doçura, o socego infinito, a poesia immensa com que esses escriptores latinos, e sobre todos Virgilio, cercaram a vida campestre foi tão grande que, ao lêl-os todos sentem o desejo de a gozar, e que inspirou em fim por quasi tres seculos os poetas de todas as nações, ensinando-lhes a egloga e o idilio. Considerados porém historicamente esses auctores são para nós hoje de muito pouca utilidade, porque nos não permittem traçar o caminho e os progressos da arte agricola, nem na Italia nem nas provincias romanas: conclue-se com tudo do seu contexto, que o progresso dessa arte era rapido, e que a perfeição a que tinha chegado nas partes mais felizes do Imperio era muito extraordinaria.

Das provincias de Hispanha, e entre outras da Lusitania, sabemos nós que eram mui ricas; porque os conquistadores romanos, depois da victoria, tinham, seguindo o seu systema, procurado instruir na arte da producção e creação das riquezas os povos que acabavam de vencer: e se não fôra a rapacidade dos Prefeitos, a prosperidade da Hispanha teria sido immensa. Estes porém, abusando da sua auctoridade, extorquiam

e roubavam tudo nas terras que governavam; exigindo até dos concelhos provinciaes, como presente voluntario, grandissimas sommas, triumphos, estatuas, e deputações solemnes a Roma, que fossem dar testemunho de sua boa administração.

Em quanto o estado do Imperio foi prospero, a Hispanha sentiu a acção benefica dessa prosperidade. Plinio diz-nos que então a agricultura foi aqui praticada com a maior perfeição; que eram inexgotaveis as riquezas do solo, sendo abundantissima a producção do trigo e do azeite. Os gados, e sobre tudo as ovelhas, eram muito estimadas, e cobriam os vastissimos prados das nossas planicies: a vinha coroava o cimo das ferteis montanhas e infeitava as paizagens: as industriosas abelhas fabricavam em fim profusamente um mel precioso, que era procurado com avidez.

Cahiu o Imperio romano, e sobre elle passaram as ondas furiosas dos barbaros do norte, que destruiram tudo, afogando as idéas no pégo profundo da sua tenebrosa ignorancia; perderam-se a maior parte das boas praticas industriaes e agricolas, as artes morreram, e o mundo ficou entregue nas mãos de homens que não respeitavam senão a força, que não admiravam senão a crueldade, que não estimavam senão a guerra.

Esta epoca de trevas foi com tudo menos tenebrosa para a Peninsula do que para o resto Europa. A raça dos Wisigodos que veio aqui estabelecer-se era uma raça industriosa e socegada, que se entregou aos cuidados da agricultura, apenas cessou de ser obrigada a combater.

Não se julgue porém que este povo cultivou as artes de luxo: os Wisigodos eram homens muito rudes, muito costumados aos trabalhos da guerra e a baratearem a vida, para acharem doçura nestas pequenas commodidades, que fazem a delicia dos povos civilisados. O seu emprego na paz era a agricultura e a criação de gados; este era, ao que parece, o principal, porque é do seu objecto que especialmente se occupavam as leis.

Os campos eram defendidos contra os ataques dos visinhos por linhas de arvores e marcos de pedra; os rebanhos conservavam-se fechados em cerrados, cercados de fossos e de vallados, onde havia apenas practicado um estreito carreiro por onde podiam passar os gados: a vinha, a oliveira, e as arvores de fructo eram cultivadas com cuidado, e a sua cultura favorecida pelas leis, que impunham severas penas aos que destruiam arvores, e arrancavam alguma cepa. O auctor do codigo wisigodo não foi menos solicito para com a conservação dos rebanhos; nesse codigo encontra-se uma serie de disposições favoraveis á industria pastoril, e entre outras uma que devia ser muito util naquella epoca, em que havia espaços immensos desabitados, que vem a ser a recommendação a todos que encontrassem uma cabeça de gado perdida, que a tratassem como se fôra sua propria, e o participassem ao bispo, ou ao juiz, para se lhe poder achar dono. Finalmente a cultura do mél era tida em tão grande conta que, os que roubavam abelhas, eram condemnados a pagar cinco vezes o seu valor, e levarem ainda em cima cincoenta açoutes.

Vê-se pois que a agricultura formava a principal riqueza desses homens semi-barbaros que occuparam a Hispanha desde o quinto até ao oitavo seculo: mas apezar disto ella desceu nessa epoca ao seu gráo mais simples, ao gráo que tem entre povos sem instrucção; foi quasi exclusivamente pastoril.

Com a invasão dos arabes na Hispanha voltaram de novo os progressos industriaes, agricolas, e litterarios. Esse povo animado de uma nova fé estava então com toda a robustez de uma joventude ardente, animava, e dava força a todos os paizes sobre que estendia o seu dominio.

A Peninsula gozou de uma grande prosperidade no primeiro periodo da dominação arabe. As artes uteis foram então cultivadas a par das sciencias e da litteratura: as cidades germinaram por toda a parte, e levantaram-se suberbas, e coroadas pelas mesquitas e alcaçares grandiosos; os poetas cantaram as delicias dos campos e dos amores; os rios foram atravessados por magnificas pontes, e as suas aguas dirigidas e aproveitadas por canaes dispendiosos; em fim a agricultura e a horticultura prestantemente animadas pelos principes: d'aqui resultou uma fertilidade quasi sem exemplo, uma riqueza inexgotavel. O feliz Hakem fez da Peninsula um paraizo, que o mundo admirava, e cujas maravilhas eram cantadas pelos poetas como se foram criações de alguma fada.

A guerra veiu de novo, como sempre, pôr um termo fatal á felicidade humana. A invasão sanguinaria dos Almoravides, as successivas conquistas dos guerreiros christãos sulcaram em todos os sentidos este feliz imperio, e despedaçaram, e pulverisaram aquellas riquezas todas.

Travaram-se combates sobre combates, até que a maior parte da Hispanha sahiu do poder dos sectarios do profeta para ir cahir nas mãos dos descendentes de Pelaio. Então a face da civilisação mudou; os campos ferteis tornaram-se charnecas estereis, os matos engrossaram onde dantes pastavam os rebanhos, os povoados tornaram-se desertos, a morte substituiu-se á vida e ao movimento: a guerra tornou-se a unica occupação dos habitantes da Peninsula.

Passaram longos annos, antes que o espirito da industria acordasse de novo: a necessidade porém obrigou os reis christãos a cuidarem em repovoar as terras conquistadas aos mouros, e essa necessidade produziu profundas modificações na legislação. A vida e a actividade concentraram-se nos concelhos, dentro dos muros das villas e cidades, onde não podiam chegar nem as correrias dos mouros, nem as exigencias brutaes dos senhores, e tornou-se necessario dar privilegios a esses que trabalhavam para os animar e os

guardar de todas as violencias; dahi nasceram os *foraes*, que são os primeiros rudimentos de uma nova civilisação.

Dos restos das antigas leis gothicas, dos principios consignados nos foraes, das *leis de estyllo* formadas pelo uso, e dos codigos principaes das leis romanas, se veio mais tarde a formar o celebre codigo das *sete Partidas* onde nós encontramos muitas disposições legaes, que interessam intimamente a agricultura.

O modo de transmissão de propriedade, a forma porque os bens passavam aos herdeiros e eram distribuidos, são cousas que este codigo tracta com especificação. A propriedade é, quanto possivel garantida contra as violencias, e o roubo. Os empregados fiscaes que recebiam mais do que era devido, o credor que tomava á força os bens do devedor, o juiz que se opunha a uma appelação, eram tidos, segundo aquelle codigo, por criminosos como o ladrão de estrada: o que queimava a ceara, a casa ou o pomar alheio, era queimado vivo: o roubo só sem violencia, era punido pela restituição do objecto com o triplo ou o quadroplo do seu valor, &c. &c. E' certo porém que, apesar de todo o apoio da legislação e do liberalismo dos *foraes*, nenhum ponto do territorio christão foi nunca cultivado como o eram as terras dos mouros, e por isso a civilisação destes e a sua riqueza se conservou por muito tempo superior.

O estado da Peninsula era terrivel nesta epoca; tudo era incerto, a vida e a propriedade; a lucta das duas raças arabe e christã era por tal módo violenta, foi por tanto tempo continuada, que fez um deserto do que dantes era um rico imperio. «Era forçoso, diz o Sr. Alexandre Herculano na sua historia de Portugal, era forçoso que os póvos da Hespanha, quer da raça arabe-mauritana, quer da romano-goda, se tivessem habituado a considerar como absolutamente incerto, e por consequencia sem valor real, o dominio de qualquer territorio aberto ás invasões dos inimigos, no qual não houvesse uma povoação forte, um castello, uma torre ao menos, onde ao passarem essas continuas vagas de assolação e morte, podessem salvar as vidas e os seus pobres haveres. Da força das cousas, da prorogação daquella cruel lucta, á qual não seria então facil calcular um termo, nasceu um facto necessario no systema de povoação: a agricultura devia ser exclusivamente annual, transitoria, e digamos assim, nómada; e ainda apezar d'isso os resultados do trabalho agricola tinham de ser muitas vezes nullos. Os documentos daquella epoca, principalmente os dos concelhos das fronteiras, nos dizem que o ir roubar ou destruir as propriedades e sobre tudo as searas dos inimigos, era uma empreza que se renovava quasi annualmente. Não esquece nos foraes, como a seu tempo veremos, o estabelecer regras para a divisão das presas, quer fossem feitas em terra de christãos, quer em terra de infiéis. O que d'aqui resultava é obvio. Os terrenos affastadas de algum logar forte, onde o agricultor pudesse rapidamente salvar-se a si e aos productos da sua industria, tinham-se tornado forçosamente maninhos: a cultura cingia apenas as povoações acastelladas; o mais era um deserto. Quando nos foraes dos seculos XII e XIII se vão seguindo aquellas extensas demarcações dos termos dos concelhos, que se dilatam por muitas leguas em faixas tortuosas e enredadas: quando vemos frequentes vezes indicarem-se ahi como balisas apenas a penedia dentada que orla o espinhaço das serras, o carvalho que nasceu insulado, a *velha* estrada mourisca, a pedra que sobresae entre as outras pela sua cór, a torrente que se depenha pelas ladeiras, o rio que passa entre as brenhas, o villar *antigo* a que já se não sabe o nome, porque não ha lá quem o diga, e jámais o casal, a courella, a habitação humana, quasi que sentimos aquelle zumbido quo o excesso do silencio parece produzir, e como que nos opprime o espirito um sentimento indefinido de solidão. Tal era o paiz. A's circumstancias politicas que obrigavam os homens a agglomerar-se em grupos, accrescia o rareal-os a guerra; e como se a guerra, incessante e implacavel, não bastasse, as fomes frequentes naquellas eras, não só na Peninsula, mas na Europa inteira, e a peste, não menos repetida, augmentavam os obstaculos para que a população trasbordando dos logares fechados se fosse dilatando solta pelos campos, principalmente nos districtos extremos do territorio, tanto para o lado de Leão, como para o dos sarracenos.»

Era este o estado da Hispanha quando Portugal se separou n'um reino particular. Os nossos primeiros reis tomaram logo parte na lucta que então se peleijava na Peninsula, empregando apenas os dias curtos da paz em cuidar dos interesses da agricultura.

(Continua.)

INFLUENCIA DO CLERO NA INSTRUCÇÃO.

Na existencia e nas modificações successivas da sociedade nada é filho do acaso. A theoria historica, que prende na mão inerte do destino a sorte dos principios e das nações, não resiste ao raciocinio, que a condemna. No seio de cada epoca arde o espirito, que a anima, e contem-se inteira a transformação, que a deve caracterisar. Nas idéas é que está a raiz dos factos.

Individuos houve porém, que nascendo gigantes chegam á altura do seculo, e da civilisação, que se resumem nelles. Estes, não foram porém, senão, os interpretes sublimes da lucta social, que os sagrou pelas mãos do genio e da victoria. As aguias das suas legiões, voando ao Ganges, a Muscowa, e ao Nilo, levavam comsigo o futuro do mundo. Triumphante o principio, que representavam, a nenhum dos tres capitães foi dado gravar no individuo a omnipotencia,

que só residia nas idéas. As aguas regeladas de um rio, o punhal de um conspirador, e a inclemencia das estações, bastaram para humilhar a vontade soberana, que no delirio do orgulho se imaginara egual a Deus para tirar a creação das entranhas do impossivel.

E' que as idéas, só as idéas lhe davam força. Veiu depois a grandeza e alucinaram-se com a vertigem de que enlouqueciam no throno os imperadores de Roma. Do que tinham obrado desappareceu o quanto era pessoal, quanto lembrava o homem: sobreviveu tudo o que pertencia ao seculo, que fôra missão particular sua revelar.

A civilisação caminha sempre; zomba das ciladas, em que a tyrannia cuida atal-a, e serve-se della propria até para instrumento decisivo da victoria. Quando a julgam sujeita e adormecida, ergue-se como o Sansão antigo em toda a sua força, quebra de um impulso os laços de cambraia, com que os pigmeus lidaram manietal-a, e desaba-lhes sobre a fronte o edificio das ficções, dentro do qual no festim da impiedade escarneciam da fé e da esperança, unico refugio das suas victimas.

A religião social, a religião da intelligencia e do pensamento, dando testemunho de si no patibulo, como a crença dos primeiros Apostolos, consagrou as verdades pela santidade do martyrio. Nenhum dos principios vencedores atravessou os tempos e chegou até nós incruento. Teve que padecer, que luctar, e que esperar; mas, o ultimo que morria por elles, curvando-se no circo, espalhava nos ares as cinzas, do que o precedera, e dessa cinza, levantavam-se legiões inteiras, e voou aos ceus o grito da epoca saudando a victoria.

E' por isso, que nenhum systema ha de prevalecer sem entrar no coração da sociedade; nenhuma industria ou prosperidade fundar-se duravel, antes de ser entendida e adoptada pelo povo. A palavra, que fica entre poucos, e não acha echo nas multidões, passa fugitiva como o vento por cima dos arbustos, sacode-lhe a folha, e expira-lhe aos pés. Para revolver o mar ou os desertos, é necessario ter a força do vendaval, e a impetuosidade do raio. Um paiz não melhora, nem se transforma, pelos bons desejos de uma philosophia especulativa; — para o rochedo brotar a fonte, é indispensavel feril-o com a vara da fé, no seio, onde jazem adormecidas as origens.

A verdade, não morre nunca, mas não caminha sem o povo a conhecer. Uma individualidade pode tudo ás vezes, porém é preciso para isso, que á roda della um seculo inteiro se reuna em silencio para a escutar, e inscreva a idéa nova nas bandeiras, como divisa. Sem este concurso, o homem só o que valia?

E instruir pois o povo é o modo de o fazer da sua epoca, e de o preparar para a futura. Fóra daqui, poderão mover conflictos, mas não resolvem questão nenhuma. Se o facto não sair da idéa, o facto não se sustentará, e necessariamente ha de sucumbir.

Ora o povo tem para se aclarar, uma luz que desce do ceu, a consciencia; — outra, que está na terra, e Deus conserva, a razão humana. A educação moral forma a primeira; o ensino publico desenvolve a segunda. Se estas duas columnas de fogo, se apagassem diante de nós, o presente perdia-se nas trevas de um cahos.

A consciencia julga, a razão convence, a liberdade discute. Esta é filha daquellas. Se uma hesitar, a outra adoece; se ambas não a auxiliassem, a liberdade tornar-se-hia despotismo de um ou de muitos, pouco importa!

Em Portugal sobre tudo a instrucção é a maxima necessidade social; em a propagar interessam todos, em ella se reduzir a simples promessa nenhum ganha. As leis, os deveres, e os direitos serão puras ficções, em quanto os factos não estiverem em harmonia com elles. Ora as idéas, e a educação da nossa sociedade ligam-se quasi geralmente á monarchia temperada e a uma serie de factos oppostos á nova forma de governo. O ensino legal existe decretado, o ensino pratico, tirando as capitaes, e as terras mais importantes, falta onde era mais essencial. Aqui vivem tenazes todos os erros moraes, e todos os obstaculos phisicos, que obstruem o caminho, e atalham o passo, á cultura do povo. Para os vencer carecia-se de converter a instrucção em apostolado, a sciencia em capital productivo, e a administração em auxiliar interessado e efficaz. Desde a configuração geographica até ás condições industriaes do paiz, tudo é difficuldade, tudo é preciso considerar e remover para o ensino se tornar uma realidade.

Noutra epoca a instrucção, adaptando-se ás instituições monarchicas-puras, sahia do claustro, e era o simbolo da alliança permanente da corôa com o altar. As corporações religiosas não podiam representar o principio d'associação e ser estereis. Metade da sciencia de que esta geração é tão orgulhosa foi o lavor silencioso de solitarios, que na estreita cella da penitencia, sem o saberem, estavam d'antemão escrevendo no livro a defeza posthuma do monachismo. A propria companhia de Jesus deixou em todos os ramos uma herança scientifica tão rica, que se chega quasi a deplorar, que se retirasse de cima da sociedade a influencia moral activa, reflectida, e civilisadora, que dispoz tantos materiaes, e lavrou quasi todo o alicerce do edificio novo, que nós os filhos do presente fizemos nosso.

A ambição mundana, matou o claustro; o convento derrubado não se levanta. Sejamos justos, hoje, que a associação religiosa é só da historia. Os fructos estavam em flor quando cortámos a arvore, porque, diziam, que fazia sombra de mais ao arbusto da liberdade, que de mimoso e fragil não podia vingar. Seria assim — acceitemos a necessidade como lei fatal — mas, cortando a arvore coberta de flor, rica de fructos, porque nos tirás-tes o que ella dava, e não indem-

nisás-tes a sociedade da perda litteraria? Á roda das ordens religiosas aninhava-se uma população, a quem ellas repartiam o pão do corpo e o pão do espirito. Estas aulas do povo, fecharam-se; o ensino gratuito, e a influencia sacerdotal que obrigava a recebel-o pela virtude do preceito, acabaram: porque as substituistes vós, regeneradores perspicazes? Apagastes uma luz porque era má: qual accendestes? A eschola enfezada, em que o mestre tiritando do frio da fome, sem a auctoridade do saber e da independencia, soletra com rarissimas creanças livros ridiculos, é por ventura o modo pratico de diffundir a instrucção, de a popularisar, e de a fazer tão necessaria ao pobre e ao abastado, como o pão da vida?

Accusastes as corporações religiosas de viciadas pelo tempo: — os solitarios, como disse D. João IV, tinham-se feito Eremitas do povoado, abaixaram os olhos do ceu para a terra, e metteram-se no conflicto das revoluções politicas. E' verdade. Mas porque não vos apropriastes da idéa fecunda rejeitando a applicação nociva? Porque não feristes só o abuso, e não fizestes nosso o principio, que era santo, justo, e de eterna verdade? O mosteiro era a associação antiga; corrompeu-se, era incompativel com o systema novo; tornaram-se inimigos? Muito bem! Podieis dissolver a sociedade, e aproveitar o individuo; derrubar o edificio onde ameaçava ruina, e reconstruil-o segundo o seculo. Mas vós invocastes só a força bruta do alvião e do camartello, profanastes no templo a religião da consciencia, a religião do tumulo, a da arte, e a da historia. Salgastes a terra para a fazer esteril. Como demolidores nada vos escapou. Um dia os filhos de nossos netos hão de perguntar-vos pelo que edificastes, e respondereis perante elles com as lagrimas de sangue dos velhos, dos estudiosos, dos innocentes, a quem despistes o habito nas ruas, e em paga do abrigo, de que os arrancaram, déstes a miseria por indemnisação, e o bordão de mendigo por subsistencia!

Deviam ter-se lembrado, de que n'um paiz como este não se tira de repente um fóco de instrucção sem o substituir logo. Deviam saber, que a influencia moral não se suppre pela rigidez do preceito administrativo. Tinham a associação como meio de ensino, tinham o clero como instituidor, o que lhe cumpria era secularisar a instrucção sem matar o mestre, era regular a eschola de forma, que servisse ao systema, e não consagrasse a idéa antiga; e isto era facilimo então.

Tinham os bens dos mosteiros, tinham centenares de sabios, que só fazião vida do estudo, tinham em fim todo o clero secular, para empregarem nesta obra gloriosa. Com elles e por elles se devia regenerar o povo. Esses dominios riquissimos annexados ao patrimonio da nação chegavam para tudo, se os soubessem aproveitar. Esses solitarios, lançados de repente no mundo, dar-se-hião por venturosos, se lhes pozessem por condição o dever sagrado do ensino primario. A alliança do culto com o Estado, e a sua mutua harmonia, é a primeira lei politica das sociedades. Colloque-se a administração no seu verdadeiro logar — seja o centro natural da instrucção, o regulador supremo de tudo, e não terá que receiar. Em abraçando na sua vigilancia desde o compendio até á lição oral, em dirigindo, como deve, desde a educação até ao ensino, o professor nunca poderá ser mais do que o instrumento da cultura. E' o Estado, que regula os processos, fórma o plano, e assiste á execução.

Temos um grande numero de escholas primarias; estão legisladas; ha no orçamento a verba nominal da sua sustentação — vigoram só nos decretos os preceitos coercitivos, que mandam aprender. Onde está em tudo isto a realidade do ensino? As serras, os circulos extensos do terreno, as povoações ruraes affastadas dos pontos mais centraes, quem lhes leva lá os rudimentos sequer da leitura e da escripta? De que fórma se compensa ao seareiro, ao pequeno agricultor a perda de horas no trabalho do filho, a fadiga das distancias, o cansaço do espirito em vez do refrigerio do corpo?

Não é de certo com as isempções promettidas na lei. O estudo não se anima com tão pouco; — exige mais; exige a utilidade de quem n'o recebe; quer o premio do capital empatado. E a utilidade, e o premio quaes podem ser aonde a sciencia dorme, a industria se arrasta atraz de usanças viciosas, e o impulso não desce nunca das regiões superiores? Quando a habilitação do ensino não aproveita nem á profissão laboriosa, nem á arte industrial, nem ás carreiras publicas, o geral do povo despreza-la-ha como superflua e vã.

O meio unico de propagar o ensino é dar-lhe a influencia moral por estimulo. No apuro do Erario publico; em presença da estreiteza das circumstancias actuaes, é evidente que a despeza exigida para a instrucção primaria, não póde ser paga. E' uma illusão pura, uma promessa sem verdade. Mesmo com a prestação municipal o salario do professor primario nunca poderá corresponder aos deveres que lhe são impostos. A' escacez de ordenado a que obriga grande numero destas escholas, vem juntar-se o atrazo do pagamento. O professor, votado a fadigas incessantes e obscuras, que lhe absorvem o tempo, e descoram o espirito, é o martyr da religião, o pária silencioso da sociedade, que nem sequer o ouve. Sem meios para manter a consideração pessoal, por força ha de humilhar a dignidade do ensino; a menor capacidade desertará logo essa cadeira, onde pranteia a miseria; e a ignorancia a par da mendicidade, aviltarão aos olhos do povo o apostolado da instrucção, que só póde reinar pela auctoridade do saber, da moral, e do respeito.

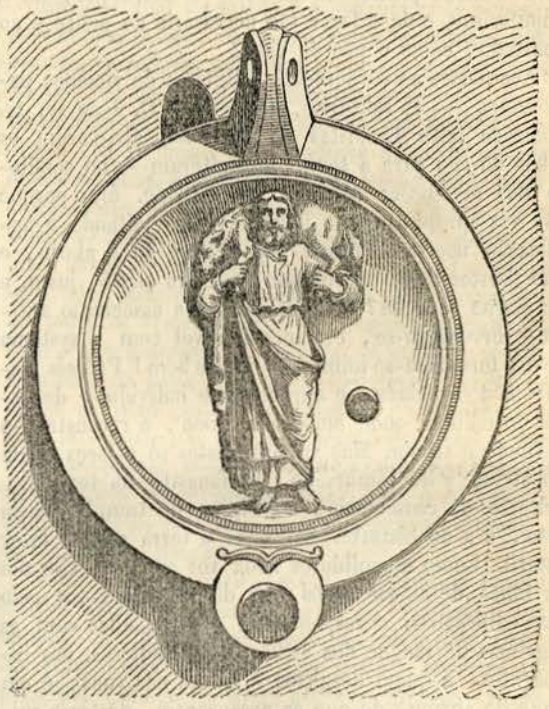
E' preciso, pois, combinar a parte administrativa, isto é, a pratica com a theoria do ensino. O melhor

systema, sem execução, será irrisorio sempre.

Temos esquecido a posição social do clero; e por apprehensões, hoje absurdas completamente, limitámos o mais possivel a acção temporal do parocho. O Estado não explorou, como devia, esta influencia, a maior de todas sobre o povo, quando se recommenda pela magestade da doutrina, e pelo exemplo dos costumes. O parocho é a imagem de Deus na terra; desde o berço até ao tumulo, o homem vê-o sempre ao pé de si nas horas de dôr; deposita-lhe no seio todos os segredos da sua alma; e faz d'elle o confidente das suas esperanças, das suas magoas, e dos seus apuros. Juiz e amigo, o parocho, falla do ceu á consciencia, e da terra á razão humana. Soldado incansavel, o seu posto é onde se chora e se padece, é no lar, em que se assenta a miseria, ou no leito onde pousou a morte. A guerra, o contagio, a fome affronta-as com o valor tranquillo, que é o ideal do esforço humano. A sua bolsa é o thesouro do pobre, a sua voz o balsamo de todas as dôres, a sua mão o conforto dos que desfallecem.

No ensino primario entra por muito a educação moral; era pouco difficil até provar, que ella foi sempre inseparavel da instrucção nos primeiros gráus. Porque razão se não aproveitará a influencia suave do parocho para dilatar pela doçura o estudo, e os conhecimentos essenciaes ao homem, e ao cidadão? — Porque não lhe encarregará o Estado deveres de instrucção que estão na esphera natural das suas funcções moraes, consumando ao mesmo tempo uma grande economia? Se o individuo dá garantias para parocho, como as não offerecerá para instituidor primario? Um paiz, que não póde pagar com regularidade ao magisterio primario, deve procurar o modo de alcançar os fins com menor sacrificio do thesouro. Uma leve indemnisação ao parocho satisfaria demais os seus desejos modestos, e daria ao ensino a permanencia, a dignidade e a influencia, sem as quaes o seu effeito é nullo. Ha neste paiz montanhoso casaes agrestes, onde nunca entrou o ensino, onde nunca appareceu o mais leve symptoma até dessa pouca civilisação, que allumia o resto do reino. Para os illustrar, para começar a arrancal-os á barbaria do seculo XIV, em que mais d'um ainda dormita, é que se carecia de crear professores, que aos giros, e a prazos contados, em lições nocturnas, fossem affeiçoar aos primeiros rudimentos aquelles animos rudes, e entregues de tempos immemoriaes á simples tradicção oral.

Resumindo-nos, concluiremos, que o clero não póde por mais tempo ser affastado da educação do povo. Destruidos os beneficios litterarios da associação monastica, importa substituil-os, no que fôr possivel, por uma influencia, que assuma o duplo caracter de paternal e de religiosa. Quando uma nação não póde acudir ás despezas do ensino, que é o pão do espirito para o povo, importa tentar uma economia, que resalve o principio e attenda os fins. Chamar o clero a exercer a sua acção no ensino primario, sob a vigilancia immediata do Estado, e debaixo da sua regular e suprema direcção, longe de equivaler a entregar-lhe sem fiança as novas gerações e o futuro, para o formar, é lançar á terra da cultura social uma semente que nunca morrerá. E' arrancar ás trevas de uma ignorancia quasi tradiccional o povo, que sem ella ha de arrastar-se, inerte e cego, longe do seu destino providencial como paiz, fóra do tracto e communhão da Europa civilisada, que nunca lhe seria dado entender.



UMA LAMPADA ANTIGA.

A ESTAMPA, que se vê é uma lampada sepulchral dos tempos primitivos da nossa fé. Foi achada no cemiterio Calixto, e representa o bom Pastor, simbolo da cabeça visivel da christandade.

« *Ego sum bonus pastor. Et bonus pastor animam suam dat pro ovibus suis!* » Eis o sentido, que esta imagem simbolisa. O bom pastor dá até o sangue da sua alma para salvar o rebanho. Naquelle periodo, a igreja, gemia na oppressão, e traduzia na arte o enthusiasmo religioso, que erguia o cantico triumphal das victimas entre o rugir das feras no circo, e os apupos de um povo cruel e corrompido. Passaram seculos, e a cruz, suplicio ignobil do escravo, hasteou-se na terra como bandeira de liberdade e de progresso. Da legião dos martyres nasceu a geração dos for-

tes, que fez do Evangelho o codigo fraternal da humanidade.

Estas lampadas, e a collecção de Grenovio offerece numerosos exemplos, refutam a idéa, em que estava W. Schlegel, de que a arte christã principiou pelo estyllo Bysantino, donde procediam todas essas imagens, adoradas nas igrejas do occidente nos seculos treze e quatorze. Porém a elegancia correcta, que brilha no trabalho, que se offerece na estampa, referem-no á eschola grego romana indubitavelmente.

A figura do Christo, o «*bonus pastor*» está revestida da tunica talar romana, mas o cabello é apartado no alto da cabeça, do modo que indica a carta apocrypha do consul Lentulus — de que parece concluir-se, que esta discripção serviu de regra ao artista. Ha até em outras lampadas exemplo de se unirem os simbolos christãos ás imagens do paganismo, como prova de que no começo a arte christã estava longe de repudiar os bons modellos antigos, o que de mais attesta a expressão do rosto, e posição natural do corpo, e a graça do gesto. Vê-se e sente-se, a fé christã no lavor do artista; mas o escabroso e hirto, que denuncia mão inexperiente ensaiando processos já obliterados, é que ninguem lhe podia censurar com motivo.

Os numerosos feitios de lampadas e candelabros são de apurado gosto, reproduzindo todos o simbolo christão debaixo de variadas formas. A elegancia e a invenção apparecem sempre unidas ao mais profundo sentimento religioso. Porque não se tentará entre nós, o que a França admira nas exposições industriaes, em obras de bronze, prata, ou ouro? Qual é o obstaculo, que inhibe os nossos artistas, e ourives de imitarem as bellas formas, e os graciosos caprichos, que enriquecem com o valor de estimação os artigos de commodidade ou de luxo? Em vez dos feitios acanhados, e vulgares, que reproduz a arte moderna com inalteravel monotonia, porque não creará typos diversos, e não dará o relevo de um estudo de fantasia e de gosto, acommodado ao uso dos objectos, ás obras que lança no mercado; principalmente quando é tão primorosa nos trabalhos de relevo e de lavor?

Lembramos aos artistas portuguezes esta carreira, aberta diante da sua intelligencia. O gosto é dictador supremo em todas as artes; e quem o souber fixar, e o não degenerar nos seus estudos, ha de colher a mais agradavel recompensa no apreço e concurso publico.

METHODO PARA DESCUBRIR SE OS TECIDOS DE LÃ SÃO MISTURADOS COM ALGODÃO.

Os fios de origem vegetal soffrem uma modificação differente da que soffrem os fios de origem animal sendo mergulhados, por mais ou menos tempo, n'um banho de acido nitrico de 50° misturado com acido sulfurico de 66°. Os primeiros adquirem, por uma imersão de 12 a 20 minutos, propriedades chimicas muito caracteristicas, sem com tudo se alterarem as suas propriedades phisicas. Tornam-se em extremo inflamaveis, ardem com mais vivacidade do que a melhor polvora de caça, e não deixam residuo; quanto se tem dito do algodão-polvora é-lhe perfeitamente applicavel. Nada muda phisicamente, os fios conservam a sua tenacidade, a sua facilidade em se dobrarem, &c. Entre os fios que produz o reino animal, a lã é tambem modificada na sua composição chimica, mas longe de ficar inflamavel, arde difficilmente, com um cheiro empyreumatico, e deixa um carvão volumoso. Depois da lavagem, é de côr citrina, flexivel em quanto humido, porém friavel e côr de laranja depois de secco.

Os tecidos de pello de cabra e de seda são rapidamente atacados até á dissolução completa, n'um espaço de tempo proporcional á espessura do tecido. Uma gaze de seda muito ligeira dissolve-se em alguns minutos.

Para constatar a presença do fio de algodão n'um tecido cuja trama é entretecida de lã e de fios vegetaes, inmerge-se um fragmento durante 12 minutos n'uma mistura de partes eguaes em volume de acido nitrico de 48° ou 50°, e de acido sulfurico de 66°, opera-se a frio, lava-se depois até que o sabor não indique já signaes alguns de acido; seca-se depois a calôr brando. Preparado que seja por este modo o tecido, arde com rapidez deixando por residuo o carvão produzido pela lã, que parece perfeitamente uma rede metalica. Logo depois da lavagem, distinguem-se as partes animaes das vegetaes pela côr que tomam no banho acido; as primeiras ficam escuras, as outras brancas, mas a combustão é que se deve tomar como a prova real.

RELOGIOS ELECTRICOS.

E' HOJE de todos sabido que o contacto de dois metaes differentes em certas circumstancias dá origem a uma corrente electrica, sobre tudo quando a acção dos dois metaes é activada pela presença de um acido. Estas correntes electricas tem já hoje sido aproveitadas para fins industriaes, e entre outros para a construcção dos telegraphos electricos.

Por muitas vezes se tem tentado conservar o movimento uniforme dos relogios usando destas correntes; mas nenhuma applicação tem sido talvez mais feliz do que a de W. Fardely de Manheim. Eis como o auctor se exprime ácerca do feliz exito de suas experiencias.

«Ha muito, diz elle, que eu tinha emprehendido uma serie de experiencias longas e multiplicadas para

obter uma força galvanica constante, apropriada em particular ás indicações telegraphicas, e em fim consegui achar uma combinação galvanica, que, segundo ensaios prolongados que sobre ella tenho feito ha muito tempo, fica em actividade por um tempo indeterminado sem precisar renovada.

«Desde o mez de Novembro de 1845 tenho conservado por meio desta força um relogio electrico-magnetico n'uma actividade constante, e provavelmente continuará assim por muitos annos consecutivos, sem carecer de outro cuidado a sua bateria senão de uma pouca de agua de tempos a tempos, e, depois de um dois ou mais annos de uma nova lamina de zinco. O relogio é directamente posto em movimento por o pendulo, e por meio de uma disposição especial, basta uma muito pequena força para conservar em acção um pezado pendulo de meios-segundos. Independentemente disto, observa-se uma disposição para conservar em movimento um certo numero de outros relogios fixos em communicação com o primeiro tendo cada um sua bateria particular, de modo que este relogio, considerado como telegraphico, domina todos os relogios de uma casa ou de um bairro, que ficam por este modo regulados por um unico pendulo.

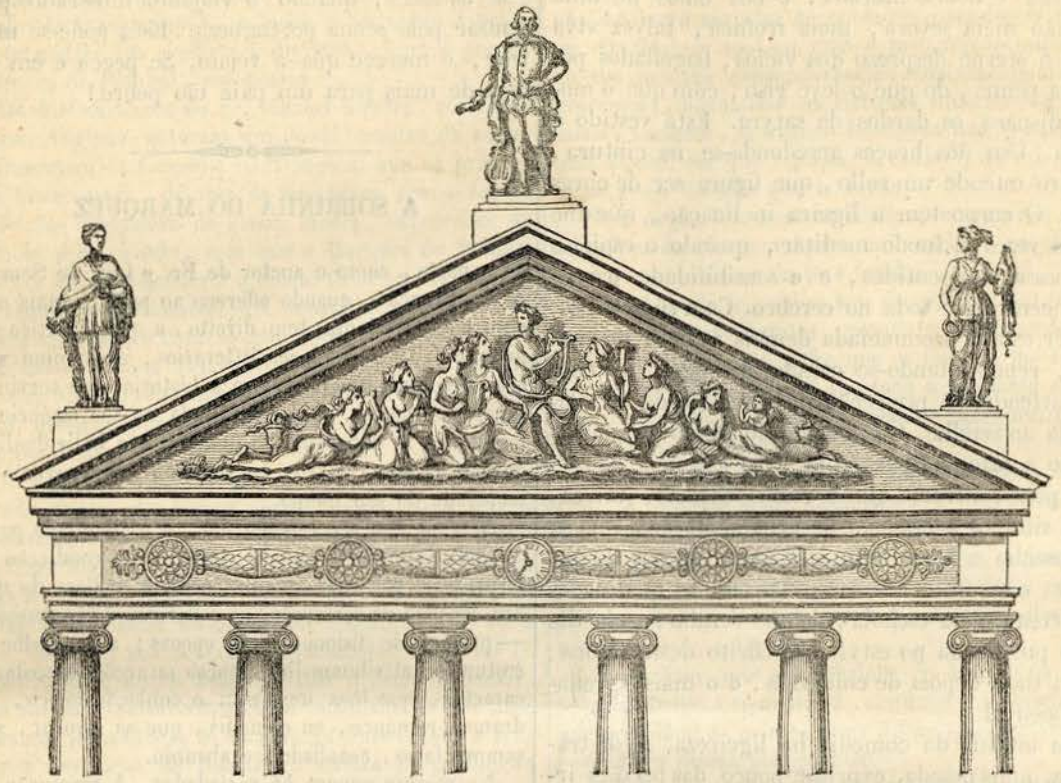
«Estes relogios secundarios que convecem a uma multidão de estabelecimentos, não precisam corda e se regulam do modo mais facil, não teem timpano, mas nada seria mais facil do que estabelecer-lho em communicação com o do relogio principal.

«Ha um anno, no momento em que escrevo, que o relogio electrico anda sem interrupção e pelo modo mais uniforme. A força que o põe em acção é uma batariasinha especial de um só par que occupa apenas 8 a 10 centimetros cubicos e é cuidadosamente fexada para evitar a evaporação do liquido.

«Esta bateria ficará provavelmente annos em actividade, sem a menor adicção, e de mais pode-se sendo preciso, immediatamente, e sem parar a marcha do relogio, renoval-a com uma despeza pequinissima.

«Este relogio, regulado pelo modo mais preciso, pode depois transmittir o tempo a um numero illemitado de outros relogios, de modo que indique este tempo nos bairros os mais distantes da cidade com uma precisão tal, que não haja mesmo um segundo de differença.»

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



A SCENA portugueza tiritou muito tempo de frio e de fome no Salitre, aonde se abrigaram as reliquias dos actores, que tinham representado as peças da eschola antiga. D'ahi passou, com melhor sorte, e vida menos dura, para a Rua dos Condes, e decorou-se a desmantelada arribana dramatica com o pomposo rotulo de « Normal. » Por fim houve uma hora para acções boas e construio-se na praça de D. Pedro, vulgo Rocio, o Theatro Nacional, no sitio onde estiveram os paços da Sancta Inquisição, aonde se instalou o Thesouro Publico, e depois de arder o Thesouro, tremiam uns paredões chamuscados e uma janella regral negra, que tornavam a praça disforme.

Não é occasião agora de ajuizar da architetura do edificio. Todos sabem como elle se fez, e o que devia ser para a despeza, que custou. A discussão sobre o assumpto durou tanto como a obra. Desde a alvenaria do alicerce até ao zinco dos tectos ardeo a polemica, e combateo a imprensa. Sem entrarmos, por tanto, no exame dos defeitos que o desfeião nas proporções geraes e na distribuição, no palco, na sala do espectaculo, e até no oculo do faustuoso lustre, que não tem abertura sufficiente para se recolher, limitaremos por hoje as nossas observações ao frontão de alto-relevo, e ás estatuas, que o decoram. São elles o objecto da estampa principal deste numero.

O desenho do alto-relevo não desagrada na distribuição, posto que a idéa não seja nova, nem mereça a gloria de mui fecunda. O Apollo, que dedelha na lyra, cercado de Musas e de Genios, faz effeito, ainda que a posição das pernas pareça pouco natural, e em geral os membros sejam apalpados mais em grosso, do que se desejaria para a elegancia. Aquelle saráu do Parnaso offerece nas castas filhas da Poesia mais de uma figura com graça. Entretanto é inquestionavel, que as tres estatuas dos angulos são muito superiores ao alto-relevo na composição e na execução. Ha nellas mais correção, maior estudo, e mais ex-

pressão. A de Gil Vicente excede as outras duas, tanto quanto se avantajam ao alto-relevo.

A posição do nosso Plauto portuguez é nobre, e digna delle. Naquella fronte espaçosa, na cabeça larga e desassombrada, e nos olhos de uma reflexão meia severa, meia ironica, talvez viva mais o eterno desprezo dos vicios, flagellados pela sua penna, do que o leve riso, com que o motejo dispara os dardos da satyra. Está vestido á epoca. Um dos braços arredonda-se na cintura, o outro estende um rollo, que figura ser de obras suas. O corpo tem a ligeira inclinação, que lhe dá ás vezes o fundo meditar, quando o espirito se apossa dos sentidos, e a sensibilidade parece reconcentrar-se toda no cerebro. Com tudo a nosso vêr estará pronunciada demais a curva do quadril, representando-se cahida a estatua a quem não attender a projecção da linha tirada da clavicula ao artelho. O vestuario do seculo XVI, obrigando a fazer a figura rota, não a desfeia de certo, pelo contrario até a realça demais, talvez, para simples accessorio de ornamentação, que é. O desenho e a execução desta estatua são do Sr. Assiz, e recommendão-se pelas sabidas qualidades do artista e da eschola, de que é filho, cada dia mais purificada no estyllo. O effeito desta figura, sobre tudo depois de collocada, é o mais agradavel possivel.

Na estatua da comedia ha ligeireza. A da tragedia, mais pesada, exprime pouco das paixões irresistiveis e ardentes de que é simbolo. A composição e a execução parecem-nos muito inferiores ás da « Gil Vicente » que as domina completamente.

Sem louvarmos a invenção do alto-relevo, ou applaudirmos excessivamente o pensamento allegorico dos grupos, ou o desthronado rei do Parnaso, e suas veneraveis irmãs as Musas da Comedia e da Tragedia, que protestam contra os anarchistas rebeldes ás tres unidades; diremos em resumo, que o effeito não é desagravel, e que a « Gil Vicente » mesmo faz bastante honra á nossa eschola de esculptura. Seria para desejar, porém, que no apalpar dos membros, e nas posições das cabeças e do corpo, na geral expressão das fisionomias, e no despregar das roupas, ella se possuisse mais ainda da graça e correcção dos modellos gregos.

A esculptura, por mais que se afadiguem, é uma arte antiga no sentido, e morta para a epoca presente. O engenho moderno, mesmo não exceptuando Miguel Angelo, nunca se poderia aperfeiçoar longe do estyllo dos grandes mestres.

A collocação das estatuas, feita ultimamente, rematou a ornamentação do Theatro Nacional; e apesar dos seus defeitos já não nos subirá o sangue ás faces, quando o viajante illustrado perguntar pela scena portugueza. Esta póde-se mostrar, e merece que a vejam. Se pecca é em ser rica de mais para um paiz tão pobre!

A SOBRINHA DO MARQUEZ

Um poeta, como o auctor de Fr. « Luiz de Sousa e D. Branca », quando offerece ao publico mais uma obra do seu talento, tem direito, a que a critica registe o facto nos annaes litterarios, e examine se a arte deu mais um passo; se a historia, que serviu de fundo ao quadro, foi interpretada na sua essencia filosophica; se o coração do homem, e a individualidade das classes, vivem no retrato, como viverão na sociedade do seu tempo.

A scena é o seu espelho fiel; e a liberdade poetica finda justamente, aonde começa esta condicção indispensavel das suas manifestações. A belleza do quadro consiste na correcção, no collorido, e na expressão: — privem de fisionomia as epocas; alterem-lhe os costumes; attribuam-lhe crenças ou acções oppostas ao caracter, que lhes imprimiu o cunho historico, e o drama, romance, ou comedia, que as invocar, será sempre falso, acanhado, e absurdo.

No mesmo genero ha variedades. A revolução litteraria deste seculo, que foi longe de mais em muita cousa, teve razão nisto. Se o riso e as lagrimas, na vida humana, correm a par e quasi á mesma hora, porque os haviam de separar eternamente no theatro, que resume paixões, sentimentos, e acção, no rapido volver de minutos? Ao gosto e ao tacto do escriptor pertence o estudo das combinações scenicas para tirar dellas a harmonia, em vez da confuzão.

A « Sobrinha do Marquez » é rigorosamente o que a eschola antiga entendia por comedia de caracter? As cabelleiras de todas as academias Cruscas e Arcadicas arrepiar-se-hião no sepulchro, se lá chegasse o som de tal heresia. O Zeferino, o Zé Braga, e até a Tia Monica brigam com as tradicções do Parnaso puritano, e os intrusos ou haviam de ir para os limbos Horacianos, ou a comedia havia de ser decapitada do famoso titulo « de caracter ». Uma comedia séria com um minhoto cerrado de Bouças! Profanação atroz! Ah Zé Braga, Zé Braga! ias desterrado para o Entremez, meu amigo, por causa da honestidade e das regras. E o typo minhoto dos caixeiros do norte, emigrando em bandos para Lisboa e para o Brazil, quem o havia de supprir no desenho historico dos fins do seculo XVIII? Se o riso alvar, e a sinceridade rusti-

ca dessa gallega alma offendiam o decoro das ordenações poeticas, com a tua falta perdia-se uma parte da verdadeira intuição da epoca, que era muito peior. Assim, bem haja o auctor, que te retratou, como saiste da tua provincia, e levou a liberdade a ponto de te metter em conflicto e discussão, com o grande Marquez de Pombal, em pessoa.

Os dois caixeiros do Sr. Manoel Simões, mercador da rua Augusta, naturaes um do sul, e outro do norte, representam na Comedia nada menos, que os primeiros lineamentos, de que se formaram com o tempo as feições completas da classe media, olygarchia de cambio e de covâdo, com que o Marquez de Pombal gostava de se entender, e donde tirou as suas Juntas de Commercio, Sindicos, e Companhias Ultramarinas. D'alli vinham, e com aquelle feitio rustico mesmo é que fiseram casas riquissimas. Se a cortiça parecia grossa, o fructo valia mais que o destas arvoresitas d'agora, que nem para sombra prestam, guardadas as excepções honrosas do estyllo.

A «Sobrinha do Marquez» é sobre tudo um bello estudo critico da ultima epoca famosa, que teve a monarchia em Portugal. Poder-se-ha accusar o pintor de fazer breve de mais o painel; de não dár á scena toda a extensão possivel; mas de trahir a verdade, de faltar á fidelidade historica dos costumes, de certo não. Estamos nos derradeiros momentos de el-rei D. José. O filho de D. João V, (diz o padre Ignacio), não vai para Salvaterra, como espalham, a sua mais proxima jornada é a S. Vicente de Fora! Está a acabar a revolução da monarchia contra os privilegios exorbitantes da casta patricia em nome da vontade absoluta do poder real. Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras e Marquez de Pombal, cujo reinado expira com a vida de el-rei D. José, vê já a reacção que lhe preparam, e potencia cahida, sabe o que tem a esperar de um governo de frades e beatas.

E' esta ultima hora do seu poder, que o poeta escolheu para nos fazer entrar nos segredos e intimidade do grande Marquez. Estão de pé todas as idéas, que elle fundou; rodeão-no ainda os homens, que o ajudaram a levar, por tantos annos, o pezado encargo do governo. E' rica, forte, e opulenta a classe media, que levantou da terra, engrandeceu quanto podia, para fazer com ella um amparo ao throno. Minam debaixo do chão os sectarios da Companhia de Jesus, potencia derrubada, alliados com o odio e a sede de vingança da fidalguia puritana, vencida e humilhada no patibulo do Duque d'Aveiro.

De todos estes elementos nenhum trabalha para si; nenhum sabe por onde vai, nem aonde chegará. Os Jesuitas cuidam levantar-se com a quéda do Marquez, e não se levantarão; teem contra si mais, senão peiores inimigos, que chamaram tyranna á extincção, por ser obra do ministro; mas que no coração a abençoam. A classe media, não sustenta o Marquez; já não precisa delle para crescer, e sente-se pequena e pupilla debaixo daquella robusta mão. Apparecerá nella uma ou outra devoção individual; porém sacrificio e lucta de todos por um, não esperem, que a não póde haver.

Devia muito muito ao Marquez? Por isso mesmo não o deixará encostar ao seu braço para descer do paço. Os fidalgos sonham com a restauração impossivel da sua passada preponderancia; contam annullar os processos, indemnisar as victimas illustres, e a seu turno, tambem, entrarem de espada nua victoriosos, pela alcova em que repousa o cadaver do rei que os feriu: — se foi elle que os ferio.

Nem os jesuitas, nem os fidalgos conseguirão nada; os golpes do Marquez foram no coração e na cabeça, e não se convalesce de taes feridas.

Quem ha de ir sempre seu passo, é a burguezia, que não quer os jesuitas, porque tem um instincto, que a adverte; e não soffre que os fidalgos lhe tomem o caminho, porque sabe que toda a sua força e opulencia depende de ser fiel ás idéas do Marquez, e nesta parte ha de sel-o.

Todos se enganam, e todos julgam enganar os outros. A designação de «comedia» é exactissima por este aspecto para caracterisar o quadro. O padre Ignacio, o Marquez, a côrte, a classe media, o povo emfim, veem apenas pelo unico olho do interesse pessoal. Acham só o que está do seu lado, e escapa-lhes tudo o que está do outro.

E' por isso, que a «Sobrinha do Marquez» não é só uma bella «comedia de costumes» — tambem o auctor colheu as palmas mais difficeis de cortar — do verdadeiro drama philosophico.

Cada personagem exprime uma serie de factos politicos ou sociaes, e representa uma classe inteira. O Padre Ignacio é a Companhia de Jesus, não como a Deducção Chronologica, attribuida a José de Seabra, a descreve, mas como o Marquez de Pombal sabia que ella era, e a não queria ter no Estado. D. Luiz retrata o orgulho indomavel da flor da aristocracia, que morreu martyr para salvar illeza a pureza da sua casta, e preferiu os tractos e o ceppo do algoz á humilhação de estender a mão de parente ao plebeu nobilitado. O rei póde dar os titulos, porém Deus, só Deus, faz a nobreza. Estas duas olygarchias — a religiosa e a nobiliaria, — estão alliadas, são amigas em nome da perseguição commum, que as abraça. O Jesuita está prompto a ceder de tudo menos da Companhia; quer os fins e não discute os meios. O fidalgo, com o cutello sobre a cabeça, com os suspiros de seu pae prezo e moribundo nos ouvidos, hesita ainda, e responde, que tudo menos a honra lhe pode confiscar Sebastião José de Carvalho!

Manuel Simões pinta a classe media em toda a verdade do typo. Pela educação pertence ao passado; — crê na Companhia de Jesus; lastima a sorte dos fidalgos justiçados; e duvida, comsigo mesmo, se aquella revolução, que lhes custou a cabeça, e o fez rico e respeitado a elle, foi uma crueldade arbitraria, ou

um acto necessario. Pelo seu instincto de classe estima, admira o Marquez; acredita que elle trabalhou muito pela nação; e não está na sua mão, depois, deixar de tremer do seu nome.

A tia Monica, da familia popular das boas velhas, com que se crearam nossos paes, e que algum de nós ainda chegou a alcançar, nunca se desdiz. Está desenhada com a maior exactidão, e dá ao quadro a belleza de costumes, e a verosomilhança, que devia ter.

Em fim D. Marianna de Mello, é uma dama, que dá ares do caracter do Marquez, e na eschola delle aprendeu a suffocar o coração para ouvir só o dever. Esta creação, agradavel, levemente ironica, e de uma elevação generosa, serve de Iris á paz, que encerra o mutuo perdão da nobreza offendida, e do Marquez decahido. D. Luiz, não aproveita a occasião para abusar da ruina do inimigo da sua casa — vê-o prostrado, e estende-lhe a mão para o levantar. E' o ideal do cavalheiro portuguez em toda a sublimidade da grandeza d'alma. Em quanto o Marquez era senhor, duvidou acceitar-lhe em casamento sua sobrinha, com a liberdade de um pae, e a restituição de todos os bens em dote. Quando o astro cahe no occaso, e as reprezalias vão começar, é elle proprio que propõe o pacto, e o consuma! Embora entrasse, por muito, o amor na excellencia da acção, o sentimento que venceu, é o mais honroso, o mais puro que ha na vida.

O Marquez, na hora, em que as illusões se perdem, solta uma verdade, em que está toda a critica do seu reinado: — « Ah, D. Luiz! eu não soube, não » soube fazer nem amigos, nem inimigos. »

E foi assim. Para firmar o poder real banhou a corôa no sangue da nobreza. Para proclamar a sua preponderancia derrubou a potencia moral da companhia. Quebrou o braço, a que se encostava a monarchia; feriu a cabeça, por onde ella via e pensava desde seculos; e deu-lhe por appoio essa base movediça, incerta, e desconfiada — o egoismo burguez — que por estreita, não chegava para lhe assentarem um throno em cima. Sem querer e sem o suppôr, Sebastião José de Carvalho, em nome do poder absoluto, foi o precursor da revolução politica. O que fundára para a monarchia quasi tudo viveu menos do que elle; — assistio de pé ás exequias do seu imperio. Do que estabeleceo para a burguezia, nada se perdeu, tudo se tornou robusto, e com o tempo a potencia achou-se com forças de dar batalha e de vencer.... aquelle poder absoluto, que o Marquez julgava fazer eterno, amassando-lhe os alicerces com o sangue do Duque d'Aveiro, e do padre Malagrida!

O primeiro acto, a exposição da « Sobrinha do Marquez » é um modello. Antes de apparecer, o espectador vê e conhece já o Marquez de Pombal pela boca de Manoel Simões. O Padre Ignacio tambem já traçou o retrato da companhia, e revelou o segredo dessa influencia humilde e poderosa, que ao mesmo tempo arrastava a sociedade pela persuasão, e a dominava pela obediencia. D. Luiz, a tia Monica, Manoel Simões, D. Marianna, e os dous Caixeiros, cada qual em seu logar estão desenhados com o maior vigor, fallão como se esperava que fallassem de si e dos outros, e explicam-se mutuamente, e ás circumstancias, que os rodeam.

Os dous actos seguintes, a nosso vêr, são inferiores, e ressentem-se da tyrannia, que o auctor se impoz a si proprio, querendo encerrar em tão curto espaço typos, e acontecimentos taes. A's necessidades do enredo é sacrificada mais de uma vez a verosimilhança phisica (seja-nos licita a frase); esmorece o calor da acção, e vae esfriando gradualmente para o fim. O assumpto sobeja para o desenho, que apparece. Se as proporções fossem menos acanhadas, e o quadro tivesse toda a largura, que pedia, (a nosso vêr) o enredo, a acção, e os episodios, ligar-se-hião melhor, e o poeta achar-se-hia com uma corôa egual á que ganhou em « Fr. Luiz de Sousa. »

Como estudo philosophico da epoca a « Sobrinha do Marquez » repetimol-o, é completa, é perfeita; como desenho historico exactissima; como comedia, e forma d'arte, a exposição parece-nos inimitavel; o estyllo realça com a graça natural que é o segredo da musa familiar do auctor, e muitas scenas são de uma correcção e verdade bellissimas. No enredo, no travado dos lances e situações; nas collocações de logar e de acção, notam-se entretanto os defeitos, já attribuidos á rapidez, que exigia a brevidade imposta pelo poeta ao seu quadro. A exposição é uma cabeça, grande e bella de mais para aquelle corpo. Promette o que depois se espera, e não se dá. O Marquez, mesmo, não ha tempo senão para o desenhar pelo aspecto politico; está excellentemente explicado o systema do seu governo; mas não chegamos a levantar o veo todo, e a lêr o que se passa dentro do coração do homem, e no intimo da alma do segundo Richelieu, naquella hora final, em que para elle começa o juizo da historia. Apparece-nos mais a theoria, do que a pessoa.

Fazemos estas observações em toda a consciencia e sinceridade, porque o auctor de « D. Branca e Fr. Luiz de Sousa », é uma reputação, que está acima da lisonja; e que tem direito a ser exceptuado da tarifa do elogio vulgar, a maior injuria, que se pode fazer ao escriptor.

A « Sobrinha do Marquez », se não é das primeiras, é de certo das boas obras de sua penna. E desde a sua publicação, ninguem poderá dispensar-se de a lêr, se quizer estudar a epoca do Marquez de Pombal á luz da philosophia, e de uma critica feita com verdade, com gosto, e com plena intuição dos costumes, das idéas, e das classes que animaram aquelle seculo, d'onde nós os filhos da geração passada, herdámos no essencial as conquistas, que fizemos.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO I.

UM ASTRO NO OCCASO.

She Was born to be fair; I to die for her love.
SHAKSPEARE — *Othello.*

(*Continuado do n.º 1.*)

Na sala d'armas dos paços de Coimbra havia dois dias que se junctava desacostumado concurso de senhores e cavalleiros, d'homens de religião e d'officiaes palatinos. O mez de Março do anno de 1211 estava a expirar por cinco dias. Nos pateos e officinas do castello não se teciam cotas, nem se poliam arnezes, Os alfagemes e armeiros não temperavam espadas, azevans, ou achas d'armas. O silencio era apenas interrompido, a espaços, pelo tropel das roldas, descendo das torres e muralhas, ou pelo trote dos cavallos em que chegava á côrte mais um rico homem.

Não se tractava de novas guerras. O estandarte de Sancho I não ia desenrolar-se mais uma vez ao bafo ardente das batalhas. Os seus cavalleiros, que aos tres e aos cinco se apartavam pelos vãos das altas frestas, ora olhando para os cabeços além da ponte, ora cravando a vista n'uma porta grossa de castanho chapeado, não vinham á curia para resolver entradas na fronteira dos mouros, ou para tentar o cerco d'alguma das fortalezas, d'onde a bandeira do Islam desafiva a signa real. A lança dos combates encostada ás paredes da vasta quadra, repousava para bastante tempo. Outro era o motivo que alli os reunia.

A porta de castanho da sala d'armas communicava para o recinto interior, aonde eram situados os quartos do rei. Por ella desapparecera o esforçado monarcha do reino portuguez na primeira tarde de Março, e sabiam já que por ella havia de sahir só um cadaver, resto daquelle que na paz do tumulo ao lado d'Affonso Henriques ia descançar das luctas e pelejas d'um reinado trabalhoso.

Junto da carcóva exterior (Fosso) do alcacer, os homens d'armas e os homens de pé da mercê dos senhores e cavalleiros, entretinham-se em grosseiros jogos, ou brutescas porfias. De vez em quando alaridos, risadas, e clamores rompiam do meio delles, soando até os aposentos do paço. Por um vago boato que andava no povo, dizia-se que D. Sancho esmorecia na angustia de molestia dolorosa; mas não se cuidara que a morte tivesse caminhado tão depressa como a tristeza sincera, ou hypocrita, lá dentro inculcava. Ainda para fora não transpirára a noticia de que, em poucas horas talvez, Coimbra, pelos gemidos da sua cathedral, havia d'annunciar a orphandade ao reino. — Segundo o costume o povo era o ultimo a sabel-o.

Dois cavalleiros, um que partia, outro que chegava ao palacio, cruzaram-se diante da ponte levadiça. Por fortuna nunca entre elles se interpozera o odio encanecido de uma rixa de familia.

— « Boas tardes » disseram a um tempo, e por movimento simultaneo colheram as redeas aos cavallos.

— « O infante? » perguntou o que sahia.

— « El-rei? » interrogava o de fora.

— « O infante sobe agora aquelle cabeço. Tres credos mais, e ahi o temos com os poucos que aturaram a carreira do seu bom andaluz. E el-rei?... Ha esperanças, D. Martim Annes? »

— « Nenhuma. Vio-o, faz quinze dias hoje, e logo disse comigo: Não é este que torna a ser homem! — Sancho I. ouve já as enchadadas do coveiro, D. Moço Ordonhes. »

— « Era um homem! »

— « Era. »

— « Está só? muito desfallecido? »

— « Peior que só; os monges rezam-lhe á cabeceira. Que dôr d'alma, D. Moço! Cada terra que tiram á herança de seus filhos; cada punhado de maravidis que levam das arcas do thesouro, dizem-lhe que o lava d'um peccado mortal... e el-rei, tão quebrado de corpo, tão fraco d'animo, a dar-lhes ainda mais do que elles pedem!... O infante que se apresse. »

— « Estes padres, ah! estes padres... em nos cahindo a cabeça no travesseiro, fazem o que querem de nós... Mas, ahi vem o infante. »

Com effeito, á redea larga sahia do lado da ponte do Mondego um tropel de cavalleiros, galgando encosta acima direito ao castello. O pendão do infante de Portugal esvoaçava nas mãos de Gomes Lourenço, seu collaço e alferes. A cavalgada parou defronte do alcacer. Seguiu-se uma pausa de alguns minutos, em que não se escutava mais do que o respirar cançado de homens e corseis. Com os ginetes á redea, os cavallariços, vestidos de saios alvacentos, torciam por entre os homens d'armas, atacados nas lorigas de couro escuro, e no perpassar evitavam as cotas bordadas dos pagens, que andavam de um para outro lado.

Decorridos instantes, do terreiro interior sahiu um official palatino; atravessou vagarosamente o acanhado largo que se rasgava diante da porta, e foi curvar-se na presença do infante. Era Sueiro Raymundo, alferes do rei D. Sancho. Nos olhos rôxos do guerreiro velho, filho da creação d'Affonso Henriques, borbulhavam lagrimas mal sustidas. Pagava assim ao amigo da infancia, e ao companheiro dos trabalhos, o tributo do soldado. Sem vergonha chorava alli diante de todos as primeiras lagrimas, talvez, de toda a sua vida.

Quasi que se sentiu orphão o infante ao encaral-o. Apertando a mão de Sueiro Raymundo, e tão baixo que mal se percebia, apenas poude dizer:

— « Meu pai ? ! »

O alferes mór pôz a vista no chão; e por mais esforços que fez, a voz não se lhe soltava da garganta.

D. Affonso, vendo-o, recuou, gemendo n'uma exclamação, que não ha inflexão capaz de exprimir:

— « Meu pai ! »

Era o grito das entranhas, a verdadeira dôr da orphandade.

O alferes mór entendeu; e tomando-lhe o braço murmurou:

— « Ainda não. »

O principe não ouvia mais nada, e entrou precipitadamente, seguido dos seus cavalleiros.

Chegaram á sala d'armas. No mesmo instante se abria a porta de castanho chapeado, e um monge alto de corpo e grave d'aspecto, trazendo a cogula da ordem de Cister, adiantando-se para os que alli estavam, disse:

— « Muito reverendos bispos, reverendo mestre do Templo, e prior do Hospital, alli dentro um moribundo deseja reconciliar-se com Deus e com a sua Igreja antes de o tomar o transe d'agonia. »

O monge era o abbade d'Alcobaça; e ao pronunciar as ultimas palavras, um sorriso d'orgulho lhe fugia pelos beiços grossos e vermelhos, sorriso que logo mudou de expressão apenas deu com os olhos no infante. O frade não se poude conter do primeiro sobresalto, e deixou que os mais observadores conhecessem que não era extrema a sua alegria pela chegada repentina de D. Affonso. Uma sombra de descontentamento carregou furtiva no seraphico semblante, aonde floreciam as rosadas e sadias côres dos deleites mundanos, em vez de se estampar a maceração e o abatimento dos cilicios e jejuns.

Entretanto, pezar ou desgosto, soube reprimil-o com arte. Approximou-se de D. Affonso, a quem não tinha escapado a mudança de physionomia, e com ar de profunda magoa accrescentou:

— « Bem vindo, illustre infante de Portugal ! Deus conhece a ancia com que vosso pai pedia á Virgem, pelas dôres da Paixão, que o não levasse antes de vos abraçar . . . »

— « E' por isso que só hontem me levaram aviso, muito santo abbade ? » respondeu o principe.

— « Senhor da Maia, atalhou o frade, como quem não ouvira a pergunta ironica, D. Sueiro Raymundo, ricos-homens de Douro e Minho, D. Sancho, pela ultima vez, quer despedirse dos seus cavalleiros. »

E acompanhado do infante, dos muito veneraveis padres em Christo, e dos ricos-homens, sumiu-se pelo corredor, em quanto de traz delles a porta chapeada se fechava, e os dois pagens voltavam a postar-se aos umbraes. D. Affonso deixou-os ir adiante, e ficou atraz alguns momentos.

O infante pediu a Deus animo e resignação. Aquelle golpe esperava-o havia mezes; porque a sepultura de D. Sancho não se tinha aberto de repente. Dois annos compridos levou a morte na viagem, trazendo-o pela mão até lhe metter os pés e lhe encostar a face ás paredes do tumulo, desde então aberto para o tragar. Agora a campa erguida, pizando-lhe o peito, rangia descendo, e quasi que já lhe soffucava as desfallecidas pulsações do peito. Martyrio atroz e sem nome ! A mortalha vestida no corpo do homem vivo para lhe queimar na raiz os desejos e as illusões; para sempre vêr o sepulchro, e ouvir de dentro delle a voz que o chamava, mais de perto cada hora, sentindo passar por cima do coração o sopro regelado da morte, a apagar-lhe n'alma a luz da esperança, em quanto o rosto recua da frieza da terra que o ha de comer ! Um pé a escapar do mundo, aonde tudo o que fica é saudade, o outro já e sem remedio a despenhar pela cova dentro !

Esta situação tão cruel de seu pai, D. Affonso conhecia-a, e tremia della. Mas enganava-se, ou cuidava enganar-se, suppondo todos os dias afastado ainda o momento da separação. Nos ultimos tempos, porém, a molestia correu, e as horas foram minutos. O amor costuma temperar assim o espirito, illudindo-o com a força de uma constancia, que vem a faltar só quando expira o amortecido lume da vida no que é o objecto delle. A esta crise natural das grandes dôres moraes deveu o infante os alentos que o arrastaram até o leito de D. Sancho.

Durou o combate interior até darem de dentro o aviso. Ao escutal-o todas as duvidas se desvaneceram. O abbade tomou-o pelo braço, atravessaram duas ou tres salas quasi escuras d'abobadas achatadas, metteram por um corredor mais sombrio ainda, e pararam diante de reposteiro d'arraz (acitara), que disfarçava e entrada dos aposentos reaes. O monge bateu de leve, o reposteiro franziu-se d'alto abaixo, e transpozeram os umbraes. Era alli, no interior da vasta quadra, com os muros nús das preciosas tapeçarias do oriente que os enfeitavam d'antes, que D. Sancho se preparava para a tremenda jornada da eternidade.

No recanto da camara, Juliano, o notario da curia, a uma mesa coberta de panno escuro escrevia em pergaminho as ultimas confidencias de el-rei a seu filho. D. Sancho receou que a morte ainda corresse mais do que a saudade do moço infante, e no momento supremo dictara ao notario e ao bispo de Coimbra uma carta, aonde entre palavras de pai e supplicas de homem, mais de uma vez se gravara o cunho da vontade robusta de vencedor de Silves.

Defronte do leito, em cima d'um altar, estava um devoto Crucifixo, trazido como reliquia da Palestina pelo conde Henrique. O sol poente, entrando pela estreita fresta do aposento ia banhar de raios luminosos a imagem que, despregada dos braços, parecia querer voar para o peccador arrependido. No lado oppos-

to, perdida na confusão das roupas, estirava-se na parede a sombra do monarcha, desenhada vigorosamente no fundo. A figura de Juliano, com a face encostada ao punho, alvejando-lhe sobre a garnacha preta as madeixas brancas, e o vulto severo, e austero semblante do bispo de Coimbra, com a mão esquerda no espaldar da cadeira do official palatino e os dedos da direita passados na barba, destacavam na sua atitude melancholica do resto dos grupos que os rodeavam.

O capello brunido, a cota de malhas e o montante de D. Sancho pendiam dos muros. Despindo as armas e as galas de rei, o monarcha guardou unicamente um habito pobre para se amortalhar. As faces encovadas, os cabellos desgrenhados, e os olhos mortaes mostravam que o corpo, extenuado de fadigas, não existia já senão para padecer. Mas lá dentro velava ainda, até chegar a sua hora, a grande alma do guerreiro da edade media, resignada com a vontade de Deus, despegada das vaidades humanas, e apertando a sua cruz sobre o cilicio da penitencia. A morte, que no seculo actual assenta á cabeceira o horror da duvida e a ironia do remorso tardio, tinha naquelle as consolações da expiação. O afflicto reclinava-se no regaço da fé, e a religião, adoçando-lhe na bocca a esponja e fel, com a vella da esperança na mão allumiava-lhe o terrivel transe, aonde, depois do suor de sangue da agonia, a carne morre, e o espirito se liberta purificado pela dôr.

Se fosse hoje, os que vissem o monarcha portuguez na humildade de um habito, enriquecendo do leito de morte os mosteiros e as igrejas com a herança de seus filhos, haviam de exclamar: — « A molestia secccou o braço, mas Roma matou o espirito, rei D. Sancho. Depois de largos annos de resistencia, tu, que defendeste a corôa das invasões do audaz Innocencio III, castigando com rigor selvagem a temeridade de um clero, que só se dizia feito para devorar a grossura da terra, decepado pelos terrores da eternidade sentiste o joelho do clero esmagar-te o peito, e, curvando a testa ao estrado pontificio, na hora extrema renegaste o documento da tua victoria! »

(Continua.)

CRONICA DA SEMANA.

INTERIOR.

PEÇAS OFFICIAES IMPORTANTES.

Por um annuncio da thesouraria do dia 26 se annunciou, que as notas do Banco de Lisboa seriam durante a semana recebidas no valôr de 2320 réis por cada moeda.

— Por carta de lei de 23 foram sanccionadas as disposições adoptadas pelas côrtes, que estabelecem que os officiaes generaes reformados agora, ou que de futuro o sejam fiquem adidos a praças de guerra, e recebem por ellas os seus soldos.

— Carta de lei elevando a 3:600$000 o subsidio annual para o asylo de Runa

— Por um decreto de 28 foram prorogadas as côrtas por mais um mez.

CORTES.

— Na camara dos pares houve na sessão do dia 26, a proposito da leitura da ultima redacção do parecer da commissão de inquerito, uma longa discussão, em consequencia da qual se decidiu que esta commissão se considerasse difinitivamente demittida. Nas outras duas sessões não houve nada importante.

— Na camara dos deputados na sessão de 27 foi approvada uma proposta de lei, que auctorisa o governo, por espaço de tres mezes, a proceder á arrecadação de todos os impostos, e demais rendimentos relativos ao anno economico de 1848 a 1849, e para applicar o seu producto ás despezas publicas: nesta mesma sessão se verificou uma interpellação do Sr. deputado Cunha Souto-Maior ao ministro da fazenda sobre atrazo de pagamentos aos funccionarios publicos; o ministro na sua resposta attribuiu os atrazos ás oscilações politicas, e prometteu que no novo anno economico os pagamentos seriam feitos com maior regularidade. Nas sessões dos dias 28 de Junho e 1 de Julho discutiu-se um projecto de lei para obter os melhoramentos necessarios na barra do Porto.

NOTICIAS.

— Na noite de 28 teve logar desgraçadamente um incendio á Graça, a que só mui tarde se accudiu com os soccorros necessarios, de modo que ficou um predio inteiramente consumido.

— do dia 12 ao dia 18 de Junho foram enterrados no cemiterio dos Prazeres 72 cadaveres. — Do dia 11 ao dia 17 no cemiterio de S. João 75. — Do dia 3 ao dia 9 no cemiterio da Ajuda 6 cadaveres.

— No dia 30 o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa	2$600	2$580
Tres operações	26	27
Inscripções de 5 por cento	48	48½
Ditas de 4 por cento	39	41
Papel-moeda	10	12
Titulos antigos (azues)	8	9
Escriptos para as alfandegas	89	91
Na 6.ª parte	85	87
Acções do Banco de Portugal	355$000	360$000
Ditas das Lezirias	425$000	430$000
Ditas — Seguro Firmeza	425$000	430$000
Ditas — Fidelidade	25$000	26$000
Ditas — Omnibus	72$000	76$800
Ditas — Pescarias	24$000	26$000
Ditas — Vapores do Téjo	20$000	22$000
Ditas — União Commercial	67$200	68$000
Ditas — Fiação e Tecidos	70$000	72$000
Ditas — Valla d'Azambuja	100 por cento.	
Obras Publicas	3	4 por cento
Confiança Nacional	250$000	355$000

— A extracção da loteria nacional deve começar no dia 5 de Julho.

EXTERIOR.

HISPANHA.

— A rainha Isabel partirá com brevidade para Sevilha, para estar na companhia de sua irmã a infanta D. Maria Luiza Fernanda na occasião do seu parto.

— Madrid continua em estado de sitio, e o aparato militar não cessa de ser desenvolvido pelo governo em toda a parte.

Foi dissolvida por um decreto a companhia de vapores maritimos, e vae entrar proximamente em liquidação.

— Por decreto de 21 de Junho o governo decretou um emprestimo forçado de cem milhões de reales, que deve ser proporcionalmente repartido por todas as provincias, e estar cobrado até ao mez de Agosto proximo. Para publicar este decreto o governo fundou-se na auctorisação, que lhe foi dada pelas cortes em 13 de Março, para levantar até á quantia de duzentos milhões de reales pelos termos que julgasse mais convenientes.

FRANÇA.

— Na sessão de 16 o presidente leu á assembléa nacional uma segunda carta de Luiz Napoleão, em que este declara que, á vista das desordens a que o seu nome tinha dado causa, não occupará a sua cadeira de deputado; mas que voltará para França como simples particular, depois de se ter restabelecido a tranquillidade publica. Na sessão do dia 17 houve um debate acalorado ácerca da reacção que em muitos pontos da França se tem manifestado contra o novo imposto dos 45 centecimos.

— Na sessão do dia 19 foi apresentado á assembléa o projecto de constituição para a republica, que foi lido por Marrast. Os seus pontos cardeaes são os seguintes:

« Uma só assembléa legislativa:

« Sufragio universal:

« Setecentos e cincoenta representantes do povo:

« Eleitores todos os francezes de 21 annos; elegiveis todos os de 25:

« Renovação da assembléa todos os trez annos:

« O poder executivo exercido por um presidente; eleito por sufragio universal; responsavel: e conservando o poder por quatro annos:

« Um conselho de estado de 40 membros:

« Jurados nas causas crimes e civis:

« Juizes nomeados pelo presidente; outros pela assembléa legislativa. »

— Por noticia telegraphica consta:

Que no dia 24 os chefes das officinas nacionaes promoveram uma desordem em Pariz, e construiram barricadas:

— Que a assembléa declarou a cidade em estado de sitio; e a commissão executiva se dimittiu, ficando este poder entregue nas mãos do general Cavaigenan:

— E que em fim no dia 25 se restabeleceu o socego, depois de um conflicto, pela acção energica da guarda nacional e do exercito.

ITALIA.

O parlamento da Sicilia decidiu que o poder executivo fosse auctorisado para mandar um corpo de voluntarios em auxilio do povo napolitano contra Fernando Bourbon.

— No dia 11 de Junho os austriacos tomaram a cidade de Vicenza. Esta cidade resistiu tenazmente, mas apezar de todos esforços; como cincoenta peças de artilheria bombeavam continuamente as casas e as fortificações, o general Durando foi obrigado a capitular, com as honras militares. A guarnição perdeu entre mortos e feridos 500 homens, a cidade soffreu pouco no centro mas muito na circumferencia.

— A esquadra napolitana está reunida ao resto das esquadras italianas; e a seu almirante Cosa declarou por escripto ao almirante sardo, Albini, que tomaria parte em quaesquer operações da esquadra combinada. Tinham apresado algumas embarcações austriacas carregadas de mantimentos.

— Em Trieste houve uma reacção similhante á de Napoles: a plêbe saqueou as casas e commetteu assassinios.

Na sessão da camara dos deputados em Turim no dia 13 foi approvada pela maioria de 59 votos a lei de incorporação dos ducados de Modena e Reggio á Sardanha.

— Em Terrano, capital dos abruzzos, no reino de Napoles, se celebrou no dia 30 um solemne officio pelas victimas dos dias 14 e 15, e no fim da ceremonia, levantou-se um grito universal de « abaixo o rei ». As auctoridades desampararam a cidade. Disbribuiram-se cartuxos á guarda nacional, para se oppôr ás tropas reaes. As duas Calabrias estão independentes.

ALEMANHA.

— Teem-se apresentado muitas petições a pedir que não seja reconhecido o governo provisorio estabelecido em Praga.

— A sessão da dieta hungara deve abrir-se em Pesth no dia 2 de Junho, e dizia-se que o emperador assistiria á abertura.

— Um jornal de Berlim dá uma estatistica de todas as petições apresentadas, e propostas annunciadas na assembléa constituinte da Prussia. As petições montam a 1054, as propostas 204.

— Vão ser empregados 4000 homens na construcção de um novo canal de Berlim a Spandau.

— A dieta provincial do Tyrol reuniu-se em Inspruck no dia 10, sem que apparecesse um só dos membros pertencentes ao Tyrol italiano.

— Continua a fallar-se da obdicação do imperador da Austria.

INGLATERRA.

— Em Londres teem deminuido as reuniões cartistas.

— Deu-se ordem de prisão contra os chefes das ultimas desordens.

RUSSIA.

— Um corpo de 100:000 russianos está em marcha para o ducado de Posen.

— As tropas russass na Polonia sobem a 240:000 homens.

SUECIA.

— Fazem-se grandes preparativos de guerra, para ir em auxilio dos dinamarquezes: parece que estas medidas são tomadas por instigação da Russia.

Este jornal publica-se todas as semanas.

Assigna-se e vende-se nas lojas de Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1; na de Lavado n.° 8; na de Lemos n.° 127; Bordallo n.° 195; Arcejas n.° 85; Carvalho, ao Chiado n.° 2; e Torcato, rua do Ouro n.° 113.

Preços da assignatura.

Por um anno	2$880 réis.
Por seis mezes	1$440 réis.
Por tres	720 réis.
Avulso	70 réis.

NOTICIA IMPORTANTE.

POR UMA LEI, JÁ DISCUTIDA EM AMBAS AS CAMARAS, OS JORNAES LITTERARIOS VÃO FICAR ISEMPTOS DE PAGAR PORTE DE CORREIO.

NA IMP. DA EPOCA. — TRAVESSA DO GUARDA MOR N.° 8.